

# INTOXICAÇÃO POR *BACCHARIS CORIDIFOLIA* (MIO-MIO) EM EQUINOS, **uma abordagem clínica.**

## Introdução

A intoxicação por *Baccharis coridifolia* (Asteraceae)(mio-mio), ocorre principalmente no Rio Grande do Sul, na região da fronteira com o Uruguai e Argentina. A *B. coridifolia* encontra-se também, em Santa Catarina, Paraná e São Paulo. A doença ocorre principalmente em bovinos e, menos freqüente, em ovinos e eqüinos, quando animais criados em zonas livres da planta são transportados e soltos em campos infestados por mio-mio. Animais criados em campos onde existe mio-mio, raramente, ou nunca, se intoxicam. O mio-mio é mais tóxico na floração, entretanto, pode ocorrer durante todo ano. De modo geral, a morbidade é variável e a letalidade próxima de 100% (RIET-CORREA *et al.*, 2007).

Quanto à ocorrência espontânea da intoxicação por *B. Coridifolia* em eqüinos no Brasil, há alguns históricos colhidos por veterinários (Mendes, 1992). Em um trabalho experimental feito por COSTA, et al sobre intoxicação por *B. Coridifolia* foram encontradas as doses capazes de desenvolver a intoxicação. Sendo 0,125 a 0,5g/Kg causando intoxicação letal com evolução clínica de 12 a 26 horas, enquanto que 0,06g/Kg provocou doença grave com recuperação em até nove dias e a dose de 0,03g/kg causou apenas leve sinal de doença e recuperação em poucas horas (COSTA, et al; 1994)

## RELATO DE CASO

### Histórico

Foram recebidas no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas (HCV-UFPel) no dia 31/07/08, **três éguas da raça PSI, provenientes de um haras da região de Bagé. Essas éguas eram oriundas de outro estado do país, motivo pelo qual pode-se justificar a ingestão da planta.** Três éguas vindas de outro estado foram introduzidas no plantel juntamente com outras éguas da propriedade, após uma semana na pastagem de campo nativo. Essas três éguas começaram a manifestar sinais clínicos compatíveis com intoxicação por mio-mio e encaminhadas ao HCV-UFPel. Uma das éguas já chegou sem vida, as outras duas receberam tratamento de urgência, sendo

que a que se encontrava em pior estado morreu trinta horas após o início dos sinais clínicos e a terceira conseguiu reverter o quadro.

### **Sinais clínicos**

**A égua 1** apresentava um quadro geral de apatia e dor moderada contínua, diarreia aquosa profusa e fétida, extremidades frias nos membros anteriores e quentes nos posteriores não sendo constatada presença de pulso. Apresentava ainda aumento de volume abdominal. Na primeira avaliação do animal treze horas após o início dos sinais, apresentava frequência cardíaca (FC) 80 bpm, frequência respiratória (FR) 20 mrm e tempo de perfusão capilar (TPC) 6 segundos, com as mucosas extremamente congestionadas apresentando equimoses, elasticidade da pele diminuída indicando quadro de desidratação e temperatura de 35,2°C o que difere da literatura onde geralmente se encontra hipertermia. À auscultação verificou-se aumento dos borboríngos, bem como a presença excessiva de gases em toda região intestinal. Passadas 22 horas após o início dos sinais o animal evoluiu para uma grave apatia, entrando em um quadro de dor severa, apresentando grande inquietação, olhar constante para o flanco, gemidos, contrações abdominais e evacuação em forma de jatos. Observou-se aumento da FC para 96 e TPC de 6 segundos, com aumento também da frequência respiratória. A cada hora seus parâmetros evoluíam se tornando mais instável com piora acentuada revelando a entrada em choque. Com 28 hs o animal apresentava FC 108 e TPC 8 segundos, mucosas extremamente cianóticas e congestionadas demonstrava dor extrema com inquietação, instabilidade locomotora e andar em círculos. Após 30 horas o animal caiu violentamente ao chão e entra em quadro de tetania e movimentos de pedalagem até que se constata parada cardio-respiratória.

A segunda égua encontrava-se mais alerta, num quadro de desconforto abdominal, não apresentando diarreia porém com pulso evidente nos quatro membros. Seu exame clínico apresentou FC 44bpm e FR 16 mrm, mucosas congestionadas, TPC 2 segundos e temperatura de 37,6°C e movimentos intestinais normais com acentuada presença de gases. Manteve-se num quadro estável com melhora a cada nova avaliação. À auscultação percebia-se descarga cecal incompleta com presença de gás.

A cada nova avaliação apresentava-se mais alerta e com os parâmetros mais próximos ao normal. Passadas 24 horas do início dos sinais está alerta,

com sinais vitais normais, mucosas róseas congestionadas e reduzida presença de gás no trato gastrointestinal. Este animal foi acompanhado no HCV até o quarto dia pós intoxicação onde retornou a propriedade estando com seus sinais vitais dentro do normal e discreta congestão de mucosas.

## **Tratamento**

### **Resposta ao tratamento**

### **Evolução**

### **Achados de necropsia**

Os achados de necropsia encontrados nos animais atendidos são compatíveis com os relatados na literatura. Um dos animais apresentava grande quantidade de líquido na cavidade abdominal enquanto que a segunda égua caracterizou grande quantidade de gás no intestino levando a distensão acentuada deste. O estômago com a porção glandular apresentando edema de parede, mucosa difusamente vermelha e com presença de fibrina. No duodeno foi encontrado edema de parede e congestão e mucosa. No ceco havia nítido edema de parede, mucosa congestionada e coberta por fina camada de fibrina verde-acidentada.

## **Diagnostico**

O diagnóstico das intoxicações por plantas tóxicas é realizado pelo conhecimento da ocorrência de plantas tóxicas na região, das doenças causadas por elas, a constatação dos sinais clínicos e a sua evolução. Os dados epidemiológicos são de grande importância, tais como a presença da planta, toxicidade, frequência da doença, época de ocorrência e condições em que ocorre a ingestão (M. Haraguchi, 2003).

## **Conclusão**

Os eqüinos se mostraram mais sensíveis à ação tóxica da planta que os bovinos e ovinos, apesar de ter um hábito alimentar mais seletivo.

Os animais intoxicados apesar de ter nascido no local ficaram cinco anos em treinamento, no hipódromo, fato que deve ter favorecido a ingestão da planta.

Os animais que foram a óbito demonstraram resposta discreta ao tratamento o que sobreviveu provavelmente ingeriu menor quantidade da planta, fato que valoriza a necessidade da profilaxia.

Existem poucos relatos de intoxicação por *B. Coridifolia* em eqüinos e os estudos experimentais são restritos.

### Referencias Bibliográficas

Riet-correa, *et. al.* **Doenças de Ruminantes e Eqüinos**. Santa Maria: ed. Palloti, v.2, 2007.

Mitsue Haraguchi. **Plantas tóxicas de interesse na pecuária**. *Biológico*, São Paulo, v.65, n.1/2, p.37-39, jan./dez., 2003.